

## DE COMO E POR QUE D. QUIXOTE NÃO LEU CIDE HAMETE, AUTOR DE *D. Quixote*.

LUIZ FERNANDO FRANKLIN DE MATOS

O humor é um sentimento de distância.  
Brecht

Pode parecer meio desproposital, mas a questão diz respeito ao nascimento do romance moderno.

Comecemos segundo uma certa ordem de razões:

Todo leitor de *D. Quixote* se lembrará de que importância se investe a figura do leitor no texto de Cervantes. Não apenas porque a loucura do herói vem amarrada à leitura desde as primeiras linhas até o desenlace. Mas também porque a atividade de ler é igualmente atribuída a outras personagens — a leitores disparatados como D. Quixote ou, figura inversa, a leitores declarados "discretos" pela narração.

Já no capítulo inicial a estória alude às pendências de D. Quixote com o cura e o barbeiro Nicolás a propósito da excelência dos cavaleiros andantes; disputa-se apaixonadamente em torno dos nomes de Palmerim de Inglaterra, Amadis de Gaula, Cavaleiro do Febo ou D. Galaor. No transcorrer do livro, outras personagens se confessarão leitoras de novelas de cavalaria, deixando escapar, às vezes, uma vocação contida para a autoria, como o clérigo de Toledo — uma espécie de modelo de leitor "discreto" e provavelmente porta-voz de algumas convicções de Cervantes. Topamos até mesmo com um estalajadeiro que poderia "hacer la segunda parte de Don Quijote" no dizer de Dorotéia, quase tão quixotesco quanto o próprio D. Quixote, mas que não crê — providencial diferença — na hipótese de ressurreição da cavalaria andante.

Acrescente-se que a atividade destes leitores não se confina apenas ao gênero que o livro de Cervantes pretende desqualificar. Impossível deixar de lembrar o parentesco entre D. Quixote e os pastores desvairados do livro, leitores tão disparatados quanto o próprio D. Quixote, desviados inadvertidamente das suas leituras prediletas para a vida. Neste sentido,

não é por acaso que D. Quixote pretende cumprir seu ano de abstinência cavaleiresca (exigência de um cavaleiro vencedor) fazendo-se pastor e fundando um "pastoril grêmio", constituído de saudosos, enamorados e desdenhados pastores — Quijótiz, Pancino, Carrascón, Curambro. Nem é por outro motivo que temos notícia, quando do escrutínio na sua biblioteca, que D. Quixote era também um leitor de novelas pastoris. Nesta altura, a sobrinha do herói se apercebe da existência de um perigoso elo entre a loucura quixotesca e o *livro*, novela de cavalaria ou não:

— Ay señor! — dijo la sobrina — Bien los puede vuestra merced mandar quemar, como a los demás; porque no sería mucho que, habiendo sanado mi señor tío de la enfermedad caballeresca, leyendo estos se le antojase de hacerse pastor y andarse por los bosques y prados, cantando y tañendo. (Livro I, Cap. VI, p. 327) (1).

Esta relação insinuada pelo livro — ler e enlouquecer podem ser operações aparentadas — começa a arriscar a saúde de cada uma das personagens do *Quixote* quando, através de um estranho e curioso recurso, a partir do Tomo II quase todas as personagens são surpreendidas como leitores. O recurso é o seguinte: o segundo volume começa com a suposição da publicação da primeira parte das aventuras de D. Quixote, assinada pelo historiador mouro Cide Hamete Benengeli e vertida para o castelhano por um tradutor cristão. A partir de agora, D. Quixote é um cavaleiro historiado e, o que é mais importante, *lido* e reconhecido pelas personagens que desempenham ao seu redor.

Decídme, hermano escudero — (diz a Duquesa a Sancho) este vuestro señor, no es uno de quien anda impresa una historia que se llama *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, que tiene por señora de su alma a una tal de Dulcinea del Toboso? (II, XXXI, 696).

A maioria das personagens conhece D. Quixote assim: primeiro sabem do herói pelo texto de Cide Hamete, depois se deparam com ele em carne e osso. Esta relação predominantemente livresca se vê agravada pelo fato de Cervantes incorporar às peripécias a publicação do volume apócrifo de Avellaneda(2). Não é raro que os leitores do primeiro tomo, o autêntico, tenham lido também a continuação "mentirosa". D. Quixote será visto, então, a partir de pontos de referência fundamentalmente livrescos.

Mas há um detalhe que não deixa de se impor ao leitor menos atento: D. Quixote nunca se torna, efetivamente, leitor deste livro que relata suas façanhas. Sabe-o escrito, sabe-se escrito nele, mas não se debruça sobre

---

(1) As citações de *D. Quixote* serão feitas de acordo com as *Obras completas* de Cervantes, Madrid, Aguilar, 1975, 18. ed., vol. II.

(2) Dois anos antes do aparecimento do segundo volume de Cervantes, publica-se na Espanha em 1614, sob o nome de Alonzo Fernandes de Avellaneda, uma continuação apócrifa das aventuras de D. Quixote.

suas páginas como fizera com o texto de Amadis e tantos outros. O célebre entretenimento entre D. Quixote, Sancho Pança e Sansón Carrasco, no início do segundo volume, testemunha o cuidado com que Cervantes evita um confronto direto entre o livro e seus protagonistas maiores. Os comentários de D. Quixote e Sancho estão assentados na visão mediadora do Bacharel: criticam ou elogiam, por ouvir dizer.

Com o livro apócrifo, a distância não é tão grande assim. Por mais de uma vez D. Quixote se dá conta de sua presença física, ao alcance dos seus dedos. Numa tipografia, nas mãos de outros leitores. Numa ocasião, dá-se ao trabalho de folheá-lo. Mas examina-o apressadamente.

D. Quixote não dá mostra de muito interesse em verificar o passado de sua história. Mais urgente é continuá-la. Basta-lhe saber, pelos outros, que há um cronista autêntico e outro usurpador. Para garantir sua identidade, não é preciso fazer uma pausa no ritmo das aventuras e por-se a ler o que se escreveu a seu respeito. Ao contrário: nada melhor do que dar continuidade ao fio da sua história.

Muitas suposições poderiam explicar esta falta de curiosidade. Para o cavaleiro andante, saber-se escrito não é motivo para vaidade especial: nada mais natural que a história, depois de feita, seja contada. É verdade que o caso de D. Quixote não tem precedentes anteriores, porque sua história, longe de estar concluída, já merece muitos livros. Não é este sucesso vertiginoso da personagem que promove uma contemporaneidade estreita entre ela e seu historiador e lhe dá acesso à coisa historiada, para tornar-se leitor das próprias façanhas? Mas D. Quixote é uma espécie de leitor esgotado, porque tornou-se leitor para sempre. Não se interessa mais pelos livros, porque se interessa por eles em cada momento do seu percurso. Não precisa trazê-los na mão, porque os tem na memória.

Entretanto, estas explicações não parecem suficientes para dar conta do cuidado com que Cervantes evita o confronto entre D. Quixote e *D. Quixote*. Por que preservar o cavaleiro na iminência de se tornar leitor da própria história? Por que não fazer-lhe presente do livro quando D. Quixote repousa na sua aldeia, aparentemente curado, na pausa entre o primeiro e o segundo volume?

Mas imaginemos, à maneira de Borges, o que a pena do escritor não escreveu. Seja que D. Quixote tivesse lido, na sua versão espanhola, o manuscrito impresso de Cide Hamete Benengeli. Seja que D. Quixote pudesse falar do livro com conhecimento de causa, sem a mediação maliciosa de Sansón Carrasco. O que diria, então?

Felizmente, não é preciso imaginar o que D. Quixote espera de seu cronista. O próprio Cide Hamete se apressa em declarar a expectativa do herói. Na sua solitária saída para o mundo, o cavaleiro se põe a imaginar os volteios generosos da pena do seu historiador:

“Quien duda, sino que en los venideros tiempos, quando salga a luz la verdadera historia de mis famosos hechos, que el sabio que los escribiere no ponga, quando llegue a contar esta mi

primera salida, tan de mañana, desta manera: 'Apenas había el rubicundo Apolo tendido por la faz de la ancha y espaciosa tierra las doradas hebras de sus formosos cabellos, y apenas los pequeños y pintados pajarillos con sus harpadas lenguas habían saludado con dulce y meliflua armonía la venida de la rosada Aurora, que, dejando la blanda cama del celoso marido, por las puertas y balcones del manchego horizonte a los mortales se mostraba, cuando el famoso caballero don Quijote de la Mancha, dejando las ociosas plumas, subió sobre su famoso caballo *Rocinante*, y comenzó a caminar por el antiguo y conocido campo de Montiel.'?'' (I, II, 312)

Leitor exemplar, D. Quixote filia seu cronista às melhores tradições da novela cavalheiresca. Mas isto não é o livro. Não foi pela via desta pena fácil em encômios que nós começamos a conhecer D. Quixote. Inicialmente, o texto nos apresenta um fidalgo de meia-idade, como tantos outros; depois, sua mania singular, uma obsessão de leitura; afinal, a loucura e a resolução, de onde sai o cavaleiro andante. No livro tal como ele é, não há lugar para uma origem misteriosa do herói, que a posse de um sinal ou de um objeto qualquer vêm a desvendar. Apesar de D. Quixote, o cronista amarra o cavaleiro a um chão mais prosaico: Quijada, Quesada ou Quijana, a pré-história do livro supõe a vida de um obscuro e pequeno fidalgo de província, absorvido pelo exercício da caça e pela administração de seus modestos bens.

Raramente como nesta altura, o leitor se apercebe com tanta clareza da instância em que se exerce o texto de Cide Hamete, enquanto *paródia*. A confrontação explícita de ambos os livros — o que se escreve sob a pena crítica do cronista mouro e o que se passa na imaginação anacrônica de D. Quixote — identifica as duas vozes que a existência do paródico mantém mais ou menos à sombra: a "voz da autoridade" e a "voz da zombaria"(3).

Sobre D. Quixote, a nós, seus leitores, resta uma vantagem: conhecemos o que se formula em ambos os textos. No livro imaginário, pratica-se o jogo de leitura que fez de Alonzo, o Bom, o cavaleiro disparatado que D. Quixote é. O livro de Cide Hamete, limite da leitura quixotesca, convida a viver de longe, à distância, o círculo da loucura do herói. Reflexão acerca do ato "natural" da leitura: sob esta coincidência nasce o romance moderno, ainda que se possa vislumbrar períodos de amnésia passageira na sua evolução futura. Cide Hamete formula, com efeito, em termos rigorosos, por assim dizer, a questão da divisão dos homens entre leitores sãos e dementes. Não é inútil lembrar que no final do Livro I o narrador exorta seus leitores a depositar em D. Quixote o "mesmo crédito" que os "discretos" costumam emprestar aos textos de cavalaria. Conhecemos,

---

(3) Cf. Jean FRANCO, "La Parodie, le Grotesque et le Carnavalesque", in *Idéologie, littérature et société en Amérique Latine*, Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, 1975, p. 59-60.

através do livro, várias formulações deste tipo de leitor (encarnado — no limite — pela figura do clérigo de Toledo) e sabemos também que D. Quixote representa, por excelência, o sinal radical do leitor "indiscreto". Mas para Cide Hamete Benengeli esta "discrição" não é um dom de natureza, independente do livro, repartido injustamente entre os leitores: à prática da leitura se deve conferir a função de ajudar a distribuí-lo. D. Quixote, o leitor, é a contraprova viva da afirmação célebre de um contemporâneo ilustre: o bom-senso não é a coisa mais bem repartida entre os homens, ao menos enquanto leitores.

Mas parece que estas considerações nos afastaram insensivelmente do objetivo proposto de início. Começamos por querer imaginar a leitura que D. Quixote faria de Cide Hamete; enveredamos, em seguida, pela leitura que o cavaleiro faz, em imaginação, do seu cronista ideal; recalamos a pergunta inicial e concluímos pela irredutibilidade entre a operação quixotesca de leitura e o mecanismo no qual nós, leitores de *D. Quixote*, acabamos enredados. Mas acreditamos que, ao recalá-la, a pergunta respondeu-se por si mesma. *D. Quixote* só se endereça aos leitores cavalheirescos sob pena de negá-los. Para D. Quixote esta leitura consistiria numa cura violenta, sua *conversão*. É verdade que se poderia argumentar que, ao ler a história de suas aventuras equivocadas, D. Quixote recorreria a "su ordinario remedio" e imprecaria contra o sábio que a escrevera, mentiroso, ignorante, usurpador, invejoso. Mas Cide Hamete Benengeli não é este tipo de historiador, não tem o *empenho* que D. Quixote está preparado para assacar contra o caluniador. Longe do narrador laudatório ou do detrator, Cide Hamete se expressa numa voz que fala a partir do *humor*, este ponto de vista *flexível e dialético* que fez de D. Quixote um herói de dimensões contrárias — loucura e santidade(4). O cavaleiro andante não pode, portanto, absorver Cide Hamete no seu sistema de perguntas e respostas, porque o humorismo deste cronista não é esperado neste espaço. O que significa, em outros termos, que o sistema de respostas de D. Quixote não está preparado para confrontar-se com perguntas formuladas parodisticamente. Conforme lembra Freud com justiça, D. Quixote não detém o humor que seu narrador exhibe. Aprendê-lo seria voltar a ser Alonzo Quijano, desta vez um leitor discreto.

Sabemos que etimologicamente *paródia* significa *canto paralelo*. Para D. Quixote e Cide Hamete, é conveniente que cavaleiro e paródia sejam sempre rigorosamente paralelos e que os dois não se encontrem jamais. Sob pena de que D. Quixote se cure e o livro acabe. Não seria este o segredo do cuidado com que o cronista mouro evita a ousadia máxima de

---

(4) Cf. Arnold HAUSER, *El manierismo, crisis del Renacimiento*, Madrid, Ed. Guadarrama, 1971, p. 319. É casual que Hegel tenha sido um dos primeiros a valorizar corretamente esta tensão no narrador de *D. Quixote*?

fazer de D. Quixote um leitor atento? Curado o louco, afinal de contas, não teria sido possível escrever a segunda parte das suas aventuras.

Aqui, um novo jogo, mais cheio de armadilhas, poderia começar. Suposta a inconveniência do primeiro, poderíamos imaginar o que teria sido a história do romance se o segundo tomo de *D. Quixote* não tivesse sido escrito.

julho de 1977.